

# Nacionalismo, antifascismo e internacionalismo nas Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939)\*

Jorge C. Fernández\*\*

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise sobre a relação complexa entre o antifascismo, o nacionalismo e o internacionalismo nos voluntários estrangeiros que lutaram pela República Espanhola: as Brigadas Internacionais. Para estes combatentes a luta contra o fascismo na Espanha foi vista como uma etapa “internacional” de uma luta “nacional”, a ser realizada dentro de cada país. Este discurso expressava a construção, pela esquerda, de um nacionalismo antifascista, duplamente impregnado de conteúdo social e libertação nacional, em oposição ao nazifascismo que transbordava fronteiras e se tornava “internacional”. Neste processo dialético de identidades em disputa, os brigadistas desenvolveram uma identidade única e complexa, como resultado de uma justaposição de diferentes camadas identitárias.

**Palavras-chave:** Antifascismo, Nacionalismo, Guerra Civil Espanhola, Brigadas Internacionais.

A denominada *questão nacional* quase sempre se apresentou para a esquerda marxista como um tema delicado capaz de suscitar acalorados debates e infundáveis polêmicas. Para Benedict Anderson, o nacionalismo tem se revelado uma verdadeira “anomalia” incômoda para a teoria marxista desde o Manifesto Comunista, no qual Karl Marx atribuiu uma distinção “nacional” à burguesia, sendo esta uma classe “mundial”. Ou seja, na tese de Anderson esta percepção equivocada na gênese da obra de Marx seria o *leitmotiv* que tem levado esta questão a permanecer em segundo pla-

---

\* Este artigo é baseado num trabalho apresentado na VI Jornada Interescuelas em Tucumán, Argentina, 2007.

\*\* Professor Doutor em História da UFMS. [intbrig@yahoo.com.br](mailto:intbrig@yahoo.com.br)

The aim of this work is to present an analysis of the complex relationship between the antifascism, nationalism and internationalism in the foreign volunteers who fought for the Spanish Republic: the international brigades. For these fighters to fight against fascism in Spain was seen as a step “international” a fight “national”, to be held within each country. This speech expressed the construction, the left, of a nation-

ism antifascist, doubly impregnated of social content and release, as opposed to Nazism and fascism that overflowing borders and became International. In This dialectical process of identities in dispute, the Brigade developed an identity unique and complex, as a result of a juxtaposition of different layers of identity.

**Keywords:** antifascism, Nationalism, Spanish Civil War, International Brigades.

---

no, inclusive sendo mais evitada do que analisada. De qualquer forma, o fenômeno do nacionalismo em si, apesar de sua visível influência no mundo moderno e contemporâneo, continua sendo um objeto de contornos difusos, difícil de definir e conseqüentemente de se analisar<sup>1</sup>.

Já Carlos Pereyra afirma que se está ainda muito distante de um marco epistemológico capaz de “apreender las formas que el momento nacional gravita en el proceso de construcción de la hegemonía obrera”<sup>2</sup>. Considerou também que, de um modo geral, a dimensão nacional foi subestimada por boa parte dos teóricos marxistas devido a uma visão estreita, baseada em concepções mecanicistas, reducionistas e adotada em função de uma ideologia puramente classista. Assim, baseado em Boronov, Pereyra asseverou que, de um modo geral, os ideólogos classistas seguidamente ignoraram ou desprezaram os *interesses nacionais*, os quais também seriam importantes para a classe trabalhadora e que com isso eclipsava o surgimento de uma *consciência nacional* de base popular, o que terminaria por prejudicar os próprios interesses da classe trabalhadora. Além disso, ele destacou que a dificuldade inicial dos marxistas em reconhecer a amplitude da dimensão nacional estaria vinculada ao fato da idéia de nação haver surgido durante a modernidade como fruto do pensamento burguês.

Na realidade, desde o seu surgimento (por volta de 1830) o nacionalismo, ou melhor, o princípio de nacionalidade esteve intimamente ligado aos fenômenos de cunho radical e liberal, descendentes diretos da agitação jacobina dos tempos da Revolução Francesa que, ao integrar *Estado-povo soberano-território* resultara

---

<sup>1</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989, p. 11-12.

<sup>2</sup> PEREYRA, Carlos. *El Sujeto de la Historia*. Mexico DF: Alianza, 1988, p. 179.

em um novo conceito de nacionalidade entendido como a expressão política de um determinado povo em um território definido e limitado por fronteiras<sup>3</sup>.

Contudo, essa definição clássica de nacionalismo tornou-se mutável ao ser apropriada por novos atores sociais. A partir de 1870, com o surgimento da Itália e Alemanha e mais uma série de pequenos países nos Balcãs, o mapa político europeu sofreu significativas mudanças e a dinâmica do sistema econômico capitalista atingiu uma fase mais sofisticada de exploração, o imperialismo. Esta nova ordenação econômica levou os países europeus a acirram a disputa por mercados, fossem eles internos ou externos (colônias). Logo, cada país concorrente passava a ser visto como um perigo potencial à nação e assim o “estrangeiro” tornava-se algo ameaçador à integridade nacional. Neste sentido, a política externa dos Estados europeus tornou-se cada vez mais agressiva, colocando em risco o equilíbrio entre as potências centrais que disputavam espaços geopolíticos e econômicos na periferia global.

Assim, o nacionalismo europeu do final de século XIX, revestiu-se de um caráter xenófobo e passou a se vincular a ideais conservadores, antiliberais e adotando uma postura de incentivo ao expansionismo das nações imperialistas. Esta tendência agressiva e intolerante do nacionalismo encontrou eco num sentimento geral de descontentamento presente nas populações das camadas médias e inferiores que sofriam o peso inflexivo da crise do liberalismo *fin de siècle*. Contudo, este novo enfoque do nacionalismo, dentro de um viés reacionário, assinalava veementemente o que considerava serem os “culpados” pelas dificuldades enfrentadas por cada nação, leiam-se judeus, capitalistas, republicanos ou socialistas, todos considerados “estrangeiros” ou “internacionais”. Permeados de preconceitos, os nacionalistas de direita apontavam na figura do “estrangeiro” a responsabilidade pelo descalabro geral da sociedade nacional<sup>4</sup>.

Evidentemente que o discurso ideológico nacionalista teve reflexos mais efetivos na camada pequeno-burguesa devido à sua capacidade de criação de uma identidade coletiva, geralmente observada através do estabelecimento de uma língua oficial que possibilitava, por exemplo, uma ascensão social dentro

---

<sup>3</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 31-33.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era Dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 ed., 1992, p. 31-33.

do aparelho de Estado, fazendo-as sentir-se partícipe dessa entidade abstrata ou *comunidade imaginada*<sup>5</sup> que é a nação.

No entanto, os ecos do nacionalismo chauvinista também foram ouvidos nas classes populares das grandes nações europeias, onde o apelo xenófobo e às vezes racista combinou-se estranhamente com uma poderosa força mobilizadora que se encontrava presente na gênese do “nacionalismo revolucionário” jacobino: o sentimento de cidadania, caracterizado pela relação *cidadão–Estado-território*<sup>6</sup>, do cidadão que defende a causa “justa” do *seu* Estado contra a barbárie do *outro* pela defesa da *sua* civilização, ou quaisquer outros motivos justificados pela classe dirigente do seu Estado<sup>7</sup>.

Porém, a questão nacional para as organizações de esquerda continuava a ser um sério ponto de debate e divergência. Lembremos que às vésperas da guerra de 1914, socialistas reformistas e socialistas revolucionários debatiam ardentemente sobre a participação (ou não) da classe trabalhadora em uma guerra de proporções mundiais. Finalmente, os revisionistas abdicaram da luta de classes e do “internacionalismo” proletário e assumiram, separadamente, uma postura belicista a favor das burguesias “nacionais” dos seus respectivos países. Neste sentido, para grande parte dos socialistas, a Primeira Guerra Mundial revestiu-se oportunamente de um caráter “nacional proletário”<sup>8</sup>, anticonservador e modernizador democrático. Enfim, impregnados pelo jacobinismo ao que Hobsbawm faz menção.

A crítica a esta postura correspondeu então a grupos minoritários de intelectuais revolucionários na social democracia europeia. Foram estes os que mantiveram a concepção da luta de classes e do “internacionalismo” proletário. Entre eles, uma liderança: Vladimir Ilich Lenin. Portanto, para a ala esquerda da social democracia a guerra possuía um caráter interimperialista e as classes trabalhadoras deveriam voltar suas armas para os verdadeiros inimigos, ou seja,

---

<sup>5</sup> Para Anderson, a nação é uma entidade política imaginada e, como tal, implicitamente limitada e soberana. E, enquanto construção social, também é representada como sendo uma comunidade ligada por laços de fraternidade profunda e horizontal. ANDERSON, Benedict. *Op. cit.*, p. 14-16.

<sup>6</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.*, 1990, p. 110.

<sup>7</sup> *Idem*, 1990, p. 111-112.

<sup>8</sup> VIGEZZI, Brunello. “A Itália entra na Guerra”. In: *História do Século XX*. São Paulo: Abril, 1973, p. 540.

as classes dominantes de cada nação em guerra<sup>9</sup>. Deste modo refutava-se o chauvinismo nacionalista de modo exemplar e assinalava a incompatibilidade entre nacionalismo e revolução social, o que se tornaria mais um “pilar dogmático” para alguns setores marxistas. Durante um bom tempo essa seria a postura “oficial” do marxismo-leninismo, pelo menos até meados dos anos 1930, quando o nacionalismo “esquerdista” voltaria a ser reabilitado, como veremos adiante.

Após quatro anos de guerra na Europa o nacionalismo, independente da vertente, saiu bastante enfraquecido. A fé no espírito revolucionário após a Revolução Russa e uma leitura particular dos acontecimentos mundiais naquele momento, insuflou um otimismo exacerbado nos socialistas internacionalistas. Em 1919, cômicos de uma vitória proletária, os internacionalistas criaram em Moscou, uma nova *internacional*, chamada de III Internacional, Internacional Comunista (IC) ou *Komintern*<sup>10</sup>. Sua finalidade era unificar e controlar as recém-criadas “seções nacionais” dos partidos comunistas sob sua égide e promover a revolução em escala mundial sob sua direção<sup>11</sup>.

No entanto, novas condições históricas inter-relacionadas se encarregariam de mudar o perfil inicial da IC. Citemos algumas: as derrotas dos movimentos revolucionários na Europa durante os anos 1920, a clivagem ideológica e a instalação de um *cordão sanitário* anticomunista para isolar a Rússia Soviética; sem nos esquecermos da própria Guerra Civil russa e as disputas hegemônicas entre os grupos bolcheviques na URSS, o que levou Josef Stalin e os partidários da “revolução num país só” ao governo. Como pano de fundo deste complexo cenário, desenvolvia-se ainda uma crise mundial sem precedentes e que parecia abalar as estruturas do sistema capitalista. E, por fim, a ascensão do nazifascismo com sua retomada da xenofobia e do nacionalismo chauvinista como base de seus pressupostos teóricos e prática política.

A complexa equação destes fatores alterou as concepções estratégicas da IC e da URSS levando ao abandono progressivo da postura *esquerdista* “revolucionária e internacionalista”. Neste sentido, a União Soviética considerou uma

---

<sup>9</sup> KREMER, Ilya Semyonovich. “O Comintern”. In: *História do Século XX*. São Paulo: Abril, 1973, p. 995.

<sup>10</sup> Abreviação do alemão *Kommunistische Internationale*.

<sup>11</sup> KREMER, Ilya Semyonovich. *Op. cit.*, p. 1000.

possível reconciliação com um nacionalismo de viés esquerdista antes repudiado. Embora Stálin considerasse que a luta nacional era uma luta essencialmente “burguesa” era o momento das classes subalternas se apropriarem das bandeiras da burguesia. Logo, os comunistas ortodoxos, em quase todos os países, passaram a advogar oportunamente em favor da causa nacional.

Ironicamente, a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha completou as condições necessárias para o ressurgimento de um nacionalismo de cunho esquerdista. O acirramento da polarização política e ideológica somada à necessidade de oposição ao nazifascismo por parte das forças democráticas levou ao surgimento de um antifascismo com um viés nacionalista acentuado, como veremos a seguir<sup>12</sup>.

De modo paradoxal o desenvolvimento de um patriotismo antifascista em cada nação levou, também a um reforço do internacionalismo, já que as lutas desenvolvidas no plano nacional formavam partes constitutivas de uma luta antifascista em escala mundial. Desta forma, a luta antifascista revestiu-se de um duplo conteúdo: transformador social e emancipador nacional<sup>13</sup>. Tratava-se de um movimento transformador da sociedade pela escolha da esquerda como opção político-ideológica e de libertação nacional, pois se considerava que as nações estavam submetidas às forças “internacionais” do capitalismo e da direita, da qual o fascismo era a vertente máxima. Para as nações dependentes e periféricas, como era o caso da América Latina, a luta antifascista ainda adquiria simultaneamente um caráter antiimperialista pela identificação do fascismo como uma manifestação do imperialismo<sup>14</sup>. Deve ser também destacado que nas regiões periféricas cujas populações não haviam obtido os seus direitos à autodeterminação ou que se encontravam subordinados a alguma potência estrangeira, o nacionalismo, além da questão linguística, passou a contar com outros elementos de suporte e apoio ideológico, tais como a religião ou um movimento político

---

<sup>12</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.*, 1990, p. 174. É interessante notarmos que o nazifascismo, apesar dos seus discursos e chavões ultranacionalistas, possuía também um caráter “internacionalista” (embora dotado de um forte eurocentrismo) ao alinhar diversas frações das direitas “nacionais”, antes dispersas, em torno da luta anticomunista.

<sup>13</sup> *Idem.* *Op. cit.*, 1990, p. 176.

<sup>14</sup> Era o caso brasileiro. Ver MORAES, João Quartim de. *A Esquerda Militar no Brasil: da Coluna à Comuna*. São Paulo: Siciliano, v. 1, 2 ed., 1994, p. 162-163.

de caráter libertador-social. Ou seja, estes elementos serviram de instrumentos aglutinadores da identidade que, em combinação com o nacionalismo, seriam capazes de fortalecê-lo consideravelmente e mobilizar as nascentes camadas médias e as massas populares locais. Ocorreu então uma verdadeira amálgama entre luta de classes e sentimento nacional, já que as classes dominantes locais apresentavam-se como aliadas das forças imperialistas.

Para a análise marxista, a grande burguesia dos países dependentes apresentava-se como um elemento “antinacional”, devido a sua inserção no sistema de relações sociais. Sem mencionar os vínculos, tanto econômicos quanto políticos e ideológicos com as burguesias dos centros capitalistas e a adoção dos modelos e soluções políticas européias ou estadunidenses. Neste sentido, a luta nacional adquiriu um autêntico caráter popular e por isso a maioria dos movimentos operários dos países periféricos e dependentes teve de inserir a *questão nacional* dentro do seu projeto político na luta para atingir os seus objetivos de classe<sup>15</sup>.

Logo, os comunistas tiveram também como missão realizar os objetivos “nacionais” como um elemento indispensável para a consecução da etapa “democrático-burguesa” da revolução. Uma vez concluída esta etapa, se avançaria no sentido de propiciar e estabelecer condições objetivas e subjetivas que possibilitassem uma futura e inexorável revolução socialista. Somente uma revolução social propiciaria a criação de uma nação autêntica, onde a maioria da população se sentisse finalmente integrada à sociedade e identificada com o seu Estado nacional.

Concluiu-se então que somente com a união das forças progressistas e nacionais de cada país é que se poderia enfrentar e derrotar uma direita internacionalmente articulada. Entretanto, o desenvolvimento dessa luta continuava sendo uma estratégia “internacional” e seu objetivo, embora a prazo indefinido, era a revolução socialista mundial. Assim, a IC no seu VII Congresso em 1935 cancelou a nova linha tática das Frentes Populares Antifascistas. Esta consistia em incluir amplos setores e grupos sociais sob a bandeira da luta antifascista e antiimperialista (nos países dependentes), mas construída a partir da base proporcionada pela construção prévia de uma frente única dos trabalhadores, sob a direção do “partido do proletariado”, o PC<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> PEREYRA, Carlos. *Op. cit.*, p. 182.

<sup>16</sup> DIMITROV, Jorge. *El Frente Único, Vigencia Actual*. México: Cartago, 1983, p. 129 e ss.

Entrementes, o caráter internacional do fascismo revelou-se claramente para as esquerdas quando do patente envolvimento da Itália e da Alemanha em apoio aos militares sublevados espanhóis em julho de 1936. A partir desse momento, tornou-se explícito que a guerra interna que se desenrolava na Espanha transbordava a sua dimensão nacional. Não era apenas uma guerra civil, pois passou a ser considerada uma invasão “estrangeira”, resultado de uma intervenção nazifascista “internacional”. Portanto, deter esta invasão e tudo o que ela representava (o racismo, a barbárie) era o dever de todo antifascista, seja qual fosse sua origem nacional.

Portanto, a causa principal era a luta antifascista que, por um mero acidente histórico, travava-se às portas de Madrid<sup>17</sup>. No entanto, o que conferia a dimensão internacional era a percepção de que essa luta poderia travar-se, em breve, em qualquer lugar do planeta. Independente de existirem condições reais ou não que permitissem a vitória de algum grupo ou partido de inspiração fascista, o que de fato ocorria era que estes grupos eclodiam de forma alarmante em vários países do mundo.

Portanto, o apelo antifascista encontrou eco e mobilizou milhares de pessoas que, se não tinham condições concretas ou conjunturais de combater o “mesmo inimigo” em seus próprios países, tinham uma chance de fazê-lo na Espanha. É significativo este parecer emitido pelo Comitê Central do PC da Alemanha, então proscrito:

(...) la solidaridad y la lucha de los alemanes enemigos de Hitler por la libertad de España no era solo una manifestación de internacionalismo proletario, sino un deber nacional de cada patriota alemán, pues unicamente defendiendo a la República Española se podría salvar al pueblo alemán del peligro de una nueva guerra mundial<sup>18</sup>.

Um discurso bastante semelhante aparece abaixo no relato do voluntário brasileiro Delcy Silveira:

Em Montevideu, o grupo de militares [brasileiros exilados] reunido decidiu dar uma ajuda para os espanhóis na luta contra o fascismo. O mesmo fascismo que fundamentava o integralismo, e que estava tão próximo de Getúlio [Var-

<sup>17</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.*, 1990, p. 175.

<sup>18</sup> TEUBNER, H. “Alemania” In: ACADEMIA DE CIENCIAS DE LA URSS *La Solidariedad de los Pueblos com la República Española 1936-1939*. Moscú: Progreso, 1974, p. 35.



gas], seria nosso inimigo na Espanha (...) era nossa obrigação contribuir para a causa espanhola<sup>19</sup>.

Ou seja, mesmo que a luta antifascista dos voluntários internacionais tivesse essencialmente um apelo de solidariedade internacional, não deixou de ter uma característica original básica do apelo patriótico de uma identidade nacional prévia que os comunistas souberam explorar coerentemente. Assim, forjou-se uma identidade que adquiriu um duplo caráter (nacional e internacional) e realizou uma complexa síntese entre patriotismo, internacionalismo e um ideal de transformação estrutural da sociedade. Neste sentido é significativo o depoimento do ex-combatente Delcy Silveira, pois para ele (e certamente para a maioria dos brigadistas) era perfeitamente compatível ser, simultaneamente, nacionalista e internacionalista:

Olha, ninguém é mais patriota do que eu: sou nacionalista até a raiz dos cabelos, sempre fui e isso não impede que seja internacionalista! (...) De apoiar aqueles governos que são governos do povo.<sup>20</sup>

Para Hannah Arendt, o fenômeno desatado pelos milhares de voluntários estrangeiros que compuseram as Brigadas Internacionais (BI) da IC na Espanha atemorizou e assombrou a Europa. Não somente pelo preconceito contra quem sai de “seu” país para lutar por “outro” que era (e provavelmente continua sendo) muito forte. Ademais, ela destaca que, a simples vista, poderia parecer que aqueles homens estavam se desapegando das suas nacionalidades originais e adotando outra comunidade nacional. Entretanto, como ela destaca:

Este não era absolutamente o caso. As pessoas sem Estado haviam demonstrado surpreendente teimosia em reter a sua nacionalidade. (...) A Brigada Internacional dividia-se em batalhões nacionais, nos quais os alemães pensavam estar lutando contra Hitler e os italianos contra Mussolini, da mesma forma que, apenas alguns anos depois, na Resistência, os refugiados espanhóis julgavam estar lutando contra Franco, quando ajudavam os franceses contra o governo colaborador de Vichy<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> SILVEIRA, Delcy. *Entrevista com Delcy Silveira*. POA: 1995, p. 27. (Entrevista concedida a José Carlos Sebe Bom Meihy, cuja cópia foi cedida por Delcy Silveira ao autor).

<sup>20</sup> SILVEIRA, Delcy. *Entrevista com Delcy Silveira*. POA: 2001. (série de entrevistas concedidas a Claudira Cardoso, Daniel R. Milke e Jorge C. Fernández durante o mês de agosto/setembro de 2001, em áudio 420 min.).

<sup>21</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 316.

O que deve ser destacado aqui é que mesmo que italianos e alemães houvessem perdido seu direito à cidadania, sendo rejeitados pelos seus governos e não reconhecidos como cidadãos pelos seus Estados, eles continuavam teimando em manter a sua nacionalidade, o que indica claramente que o sentimento nacional estava acima do Estado e de meras fronteiras territoriais, além de associar-se genuinamente a movimentos de libertação social.

Assim como Hobsbawm procurou demonstrar na sua obra sobre os nacionalismos, a identidade nacional não necessita divorciar-se de outras formas identitárias, tais como identidade de classe, religiosa ou mesmo opção política. O processo de construção de uma identidade nacional consiste também de uma complexa justaposição de outras identidades que se agregam e se sobrepõem, mas mantendo cada uma suas características essenciais.

## *Brigadas Internacionais: Identidades e Conflito*

Desde sua criação, tornou-se evidente que as BI enquanto instituição político-militar necessitavam de uma identidade própria que representasse o significado da organização e refletisse os princípios ideológicos e teóricos da Frente Popular. Neste processo construtivo da identidade foram utilizados diversos elementos simbólicos, alguns preexistentes no imaginário social dos setores populares, os mais proclives a integrar às BI. Contudo, outros elementos desse construto tiveram de ser criados ou adequados para serem encaixados dentro do perfil identitário desejado pela *Komintern*, organização responsável pela invenção do “antifascismo democrático” e das Brigadas. Em contrapartida, a implantação desta nova identidade nacional-antifascista nas BI pretendia também a eliminação de resquícios e antagonismos herdados de “ideologias burguesas” e chauvinistas pelo lado da direita<sup>22</sup>; bem assim como do “desviacionismo trotskista” e do “comunismo libertário” dos anarquistas, pelo lado da esquerda<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> EBY, Cecil. *Voluntarios Norteamericanos en la Guerra Civil Española*. Barcelona: Acervo, 1974, p. 53.

<sup>23</sup> LONGO, Luigi. *Las Brigadas Internacionales en España*. México DF: Era, 3 ed., 1977, p. 58, 140-43.

Na prática, observamos que certas contradições ou posições antagônicas ao discurso antifascista se encontravam presentes em determinados membros ou grupos dentro das BI<sup>24</sup>, apesar dos esforços realizados pelo comando das BI para eliminá-las, ou no mínimo matizá-las. O nacionalismo de tipo chauvinista era uma dessas características “pequeno-burguesas” que a *Komintern* temia e pretendia apagar das mentes e dos corações dos voluntários internacionais, pois se opunha frontalmente aos ideais de igualdade e fraternidade entre os trabalhadores de todas as nações, princípios basilares do internacionalismo proletário marxista e, conseqüentemente, também do antifascismo. Uma vez que a maioria dos voluntários das BI era de filiação comunista ortodoxa, provavelmente estes ainda considerassem o nacionalismo e suas manifestações em geral, como uma “excrecência burguesa” que deveria ser subordinada ao internacionalismo proletário e a lealdade com a URSS, o único Estado ao qual o proletariado deveria lealdade.

Contudo, como disse Eric Hobsbawm, “diferentes vínculos [de identidade] não representariam exigências incompatíveis”. Ou seja, que um soldado das BI poderia simultaneamente ser um comunista, um operário, um antifascista, e um nacionalista. Porém, não descarta que entre essas identidades houvesse uma relação de tensão ou conflito. Neste sentido, “os militantes [mais] comprometidos politicamente eram mais sensíveis a tais incompatibilidades”<sup>25</sup>, o que já implicaria em uma hierarquização e ordenamento vertical das identidades.

Em alguns casos, por vezes o caráter nacional parecia sobrepor-se ao antifascismo. Parece ser o caso dos irlandeses, por exemplo, já que boa parte deles era veterano do *Irish Republican Army* (IRA) durante a Guerra Civil de 1916 e estes mantiveram certa hostilidade frente aos seus atuais colegas ingleses, contra quem haviam se enfrentado no passado. A celeuma ocorreu na medida em que os irlandeses haviam sido alocados no mesmo Batalhão que os ingleses, os quais pareciam demonstrar ares de superioridade. Esta intolerância por parte de ambos os grupos causou desentendimentos e distúrbios da ordem interna<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> EBY, Cecil. *Op. cit.*, p. 53-55.

<sup>25</sup> HOBBSAWM, *Op. cit.*, 1990, p. 146.

<sup>26</sup> Não raramente os irlandeses procuravam juntar-se com os estadunidenses, pois muitos destes tinham origem irlandesa. EBY, *Cecil. Op. cit.*, p. 53-54.

Um exemplo foi o “juízo” (secreto e ilegal) do capitão inglês George Nathan, efetuado também por um grupo de irlandeses das BI. Nathan, judeu, ex-militar do exército inglês, servira na Irlanda como membro dos *Black and Tans*, um grupo especial encarregado de repressão durante a guerra civil na Irlanda. Na época da sua adesão às BI, Nathan justificou-se perante o comando arguindo que na época apenas cumprira ordens e que já havia mudado seus princípios. Apesar da insistência de alguns radicais irlandeses em executá-lo, ele foi “absolvido”<sup>27</sup>. A condição de Nathan como combatente antifascista prevalecera sobre sua antiga condição de repressor do nacionalismo irlandês? Quiçá sim, em parte, mas também porque entre a maioria dos membros das BI criou-se uma outra identidade que, neste caso, reforçava a identidade antifascista. Uma identidade própria dos soldados, oriunda da reputação que um soldado adquire em combate junto com os outros combatentes. A reputação típica do militar, que coaduna todo um complexo código de normas, comportamentos, valores e atributos marciais que servem para balizar a diferença entre o militar e o civil. E essa diferença somente pode ser remarcada e legitimada em caso de guerra. Ou seja, como afirma John Keegan, com o intuito de destacar que para eles próprios “os soldados não são como os outros homens”<sup>28</sup>.

Esta particularidade é ainda mais marcada se levarmos em conta que os internacionais eram, em sua maioria, comunistas e sendo assim também se sentiam superiores, pois tinham a missão suprema de elevar a humanidade a um estágio social mais avançado<sup>29</sup>. Para os setores progressistas a guerra na Espanha se apresentava como uma luta apocalíptica entre o bem e o mal, na qual os voluntários das BI representavam a vanguarda da história. Esta motivação dada pela consciência política, aliada ao comprometimento com a causa e um ódio mortal ao inimigo contribuiu muito para a formação do *esprit de corps* das BI enquanto unidade de elite político militar<sup>30</sup>. No caso específico de um oficial como Nathan destacam-se o respeito e o reconhecimento como “líder” que recebeu de seus subalternos, algo que não podia ser adquirido simplesmente pela patente e pelas

---

<sup>27</sup> WYDEN, Peter. *La Guerra Apasionada*. Madrid: Alcor, 1996, p. 246-247.

<sup>28</sup> KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.16.

<sup>29</sup> CARROLL, Peter. *The Odyssey of the Abraham Lincoln Brigade: Americans in the Spanish Civil War*. California: Stanford University Press, 1995, p. 108-109.

<sup>30</sup> Idem, Op. cit., p. 117-121

insígnias de oficial, mas que devia ser “conquistado”. O inglês Nathan, como soldado, ganhou na luta o respeito dos seus comandados e, conseqüentemente, uma chance de reabilitação política.

Em seu depoimento, o voluntário brasileiro Delcy Silveira, que desempenhou funções de comando na linha de frente, esclareceu melhor os significados dessa complexa teia de relação entre os soldados e o seu comandante, principalmente nos momentos mais críticos da batalha:

No combate, eu tinha poder de vida e morte sobre eles [a tropa] (...) Como comandante sempre fui exigente, mas justo, mantendo uma grande camaradagem com os meus comandados e companheiros. (...) No combate, o galão vale pouco, mas a confiança que se inspira nos comandados por sua atitude frente ao inimigo, conta muito. (...) Infeliz do comandante que demonstra que está acovardado perante os seus soldados...<sup>31</sup>.

No relato do ex-combatente Silveira podemos perceber diversos valores éticos atribuídos aos soldados, tais como coragem, camaradagem, disciplina, confiança, etc. e aqui se encontram presentes exemplificando aquela identidade tão peculiar ao militar, que chamamos de *esprit de corps* e que entendemos também como significando:

(...) a integração e solidariedade oriundas do “encantamento afetivo” que nasce do poder admirar a si mesmo em seus pares e do sentimento de solidariedade que repousa sobre a comunidade de esquemas de percepção, de apreciação, de pensamento e de ação<sup>32</sup>.

Esse sentimento de solidariedade entre os combatentes exacerbava-se na tênue precariedade da vida na linha de frente e inclusive conseguiu superar, em alguns casos, as diferenças ideológicas entre as esquerdas que grassavam na retaguarda e fragmentavam internamente o campo republicano: “En el frente (...) En primera línea, desaparecen las discrepancias políticas. El enemigo común, el fascismo, es el único punto de mira”<sup>33</sup>.

Não obstante, muitos voluntários internacionais, principalmente os não comunistas chocaram-se ao ver o monolitismo político e a rigidez dogmática do

---

<sup>31</sup> SILVEIRA, Delcy. *Entrevista com Delcy Silveira*. POA: 2001, p. 3. (*citado*)

<sup>32</sup> CASTRO, Celso. *Os Militares e a República: Um Estudo sobre Cultura e Ação Política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 38.

<sup>33</sup> VIVES, Francisco de Cabo *Un Poumista en las Brigadas Internacionales*. [online] <http://www.fundanin.org/cabi.htm>. (18/10/2001).

alto comando e dos quadros das BI. O dirigente comunista italiano Luigi Longo era um dos encarregados de enfrentar os problemas decorrentes de indisciplina, os quais foram sendo resolvidos a muito custo. Assim, tanto os soldados podiam recusar-se a receber as ordens, quanto certos oficiais inexperientes que se negaram a exercer plenamente o seu comando. Logo, o comissariado geral manifestou a necessidade de impor uma rigidez disciplinar implacável.

Nas próprias palavras de Luigi Longo, comissário-geral das BI em 1937: “solamente una formación militar bien organizada y disciplinada puede derrotar al enemigo, y que es necesario fundir en un bloque homogéneo, indisoluble, los temperamentos, los intereses particulares y nacionales”<sup>34</sup>. Ou seja, frente à urgência da luta não havia muito espaço para subjetividades ou facciosismos em meio a tal contexto. Interessante notar que, no discurso de Longo, os “interesses nacionais”, elemento constitutivo da identidade antifascista, foram rebaixados e colocados praticamente no mesmo patamar que os “interesses particulares”. Ao longo do seu livro, escrito depois da guerra, ele descreveu a sua preocupação na época em evitar, ou minimizar, o surgimento de diferenças “nacionais” ou políticas, imprimindo um caráter orgânico e coeso às Brigadas. Dada a verticalidade e a estrutura hierárquica, os rebeldes ou insubordinados teriam de submeter-se obrigatoriamente à disciplina das BI, que se não fosse pela palavra e o cansativo trabalho ideológico dos comissários políticos seria, em último recurso, pela repressão direta<sup>35</sup>.

Mas, se os “interesses nacionais” eram considerados por alguns dirigentes das BI como um fator “menor” em relação a luta antifascista, porque eles teimavam em aparecer? Talvez em função do seu dogmatismo político os dirigentes das BI não soubessem como responder a essa pergunta. Mas certamente sentiam que era necessário agir com cautela para evitar maiores desentendimentos entre as diversas nacionalidades que integravam às BI. Se por um lado deveriam tolerar ou aceitar certas manifestações de índole nacional dentro dos limites do espírito frente-populista, por outro deveriam impedir que estes indicativos de nacionalidade ultrapassassem o antifascismo e o internacionalismo, aos quais deveriam estar sujeitos.

---

<sup>34</sup> LONGO, Luigi. *Op. cit.*, p. 60-61.

<sup>35</sup> MATTHEWS, Herbert. L. *Metade da Espanha Morreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p. 209-210.

Neste sentido, são reveladoras as palavras do comissário geral das BI no texto seguinte, e que mostram como foi complexa a construção das BI devido a pluralidade político-ideológica e nacional, além do temor que as divergências nacionais pudessem quebrar a unidade orgânica das Brigadas:

Para cortar cualquier motivo de sospecha o desacuerdo político se prohíbe en las formaciones militares de los voluntarios internacionales el uso de cualquier insignia o distintivo de partido (...). La bandera española es nuestra bandera oficial (...). Por el momento se tolera el uso de la bandera roja – sin inscripciones o símbolos de partido – como símbolo de la solidaridad internacional<sup>36</sup>.

Mas há ainda outras preocupações expressas no texto: a de minimizar a presença comunista nas BI e realçar a lealdade com a Espanha. Pois deveriam convencer os republicanos espanhóis não comunistas de que os voluntários internacionais estavam comprometidos com a luta dos espanhóis contra a intervenção do fascismo e não atendendo aos interesses estratégicos da URSS. Claro está que independentemente das ordens expressas pelo comando das BI, as diversas unidades ainda encontravam alternativas ou criavam espaços de resistência para poder expressar suas nacionalidades. Desde o início da Guerra Civil Espanhola e antes mesmo da criação das BI, os voluntários estrangeiros agrupados nas diversas milícias sentiram a necessidade de afirmar suas identidades nacionais enquanto estrangeiros de várias formas, porém destacando primeiramente a índole da luta antifascista, à qual estavam “internacionalmente” ligados.

Embora proibidas, as mais básicas demonstrações de identidade nacional foi a colocação de um rótulo indicativo de nacionalidade nas bandeiras e estandartes das milícias nas quais estavam concentrados os grupos nacionais. Outro indicativo de nacionalidade presente era o nome escolhido pela milícia que geralmente homenageava algum personagem revolucionário ilustre do país em questão, vivo ou morto. O nome podia também evocar alguma data ou acontecimento ligado à tradição revolucionária do país. Com a consolidação das BI, esta tendência de marcar a identidade nacional continuou. O agrupamento dos voluntários em nível de Brigada, por parte do comando das BI, seguia uma ordem linguística principalmente por questões referentes ao bom funcionamento da organização militar. Afinal de contas, havia mais de 54 nacionalidades representadas nas BI e aproximadamente 20 línguas diferentes sendo faladas no

---

<sup>36</sup> LONGO, Luigi. *Op. cit.*, p. 58.

conjunto. Nem todas as nacionalidades poderiam ter sua representação única: isto era um privilégio dos grupos nacionais mais numerosos.

As unidades menores, como companhias e pelotões, possuíam maior autonomia para escolher seus próprios nomes, representando uma escolha mais democrática e legítima dos heróis da classe trabalhadora. Por exemplo, os irlandeses, que se encontravam forçosamente inseridos dentro da XV BI, de maioria britânica, formaram a *James Connolly Section*, homenageando o mártir da causa nacional irlandesa, morto em 1916 pelos ingleses.

Como toda organização militar, as BI necessitaram de uma série de atributos marciais que lhe conferissem um caráter tipicamente militar, e considerando que foram uma criação sem precedentes e com boa parte de seus membros oriunda da vida civil, foi necessário desenvolver rapidamente uma série de características e códigos militares típicos de um exército: saudação regulamentar, marchas, bandeiras, uniformes e insígnias. No entanto, estes aspectos deveriam diferenciar as BI de um exército “burguês” e marcar seu caráter popular e antifascista acima de tudo. Logo, a continência militar viu-se substituída por uma adaptação militarizada da saudação frente-populista com o punho fechado, gesto atribuído aos comunistas alemães em oposição à mão espalmada dos nazifascistas, conhecido por *saudação romana*<sup>37</sup>.

As insígnias militares, fator essencial na identificação da hierarquia e das especializações dos militares, também refletiu nitidamente o caráter antifascista. O símbolo principal das BI foi a estrela de três pontas, que identificava a união da Frente Popular. A adoção inicial da cor vermelha nas bandeiras militares dos batalhões e companhias das BI pareceu uma escolha óbvia. Além disso, conforme Hobsbawm, tanto dentro como fora do movimento comunista, à combinação da cor vermelha com as bandeiras nacionais era genuinamente popular<sup>38</sup>. Houve, no entanto, algumas exceções à regra. As companhias estadunidenses frequentemente utilizaram a cor azul de fundo e os irlandeses, a verde, cores “nacionais” de ambos os países. Nada de estranho, pois o próprio PC dos EUA considerava o

---

<sup>37</sup> CARDONÁ, Ricardo. R. & PAZOS, Carlos. F. *Ejército Popular Republicano 1936-1939. Uniformes y Pertrechos*. Madrid: Almena, 1997, p. 33.

<sup>38</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Op. cit.*, 1990, p. 174.



comunismo como o “americanismo do século XX”<sup>39</sup>, enquanto entre os irlandeses das BI havia um importante número de nacionalistas militantes do IRA que ocupavam posição de destaque hierárquico, como Frank Ryan. Com a integração oficial das BI no recém criado Exército Popular Republicano (EPR), houve uma tentativa de unificar as bandeiras de acordo com os padrões estabelecidos pelas normas do Exército Popular Republicano (EPR). Evidenciou-se, portanto, um processo de incipiente de “hispanização” das BI.

Outro importante fator de identificação simbólica antifascista e nacional foram hinos e marchas, fossem eles “revolucionários” ou “nacionais”, sendo que muitos possuíam este duplo caráter. Era o caso da Marselhesa, pois além de ser o primeiro e o mais famoso hino revolucionário da idade contemporânea, escrito em 1792 por Rouget de Lisle, também é o hino nacional francês. Suas vibrantes estrofes possuíam o forte apelo revolucionário do antigo nacionalismo jacobinista provocando um efeito emocional profundo. Vejamos um relato a respeito, no depoimento de Delcy Silveira: *O ambiente era pesado. A nossa direita, encontrava-se uma unidade francesa. Em determinado momento um clarim tocou A Marselhesa; foi algo indescritível e emocionante, levantando o moral dos combatentes*<sup>40</sup>. A vívida descrição daquele momento de emoção não foi proveniente de um francês, mas sim de um brasileiro, igualmente tocado por aquele ícone duplamente simbólico, nacional-patriótico e internacional-revolucionário, que sintetizado na Marselhesa parecia adequado e representativo da mística do movimento antifascista.

Contudo, o hino mais propagado era obviamente “A Internacional”. Este hino, escrito por Eugéne Pottier em 1871 e musicado por P. Degeyter encontrava-se ancorado na tradição mais próxima da luta do proletariado e das classes subjugadas na Europa: datava da época da Comuna de Paris. Sua adoção como hino da URSS, em tempos de Lenin, legitimava seu perfil de “hino condutor das massas populares” e símbolo da luta de classes internacional. Cada grupo nacional o cantava em sua língua nativa e era secundado pelos seus próprios hinos nacionais<sup>41</sup>. No livro de canções das BI, “A Internacional” aparecia traduzida em

---

<sup>39</sup> *Idem*, p. 174

<sup>40</sup> SILVEIRA, Delcy. 1995, p. 44. (*citado*)

<sup>41</sup> EBY, Cecil. Op. cit., p. 40.

treze idiomas: francês, espanhol, alemão, italiano, dinamarquês, sueco, holandês, inglês (versões inglesa e estadunidense), hebraico, tcheco, servo-croata, polonês e russo<sup>42</sup>.

Além disso, alguns grupos nacionais compuseram hinos para as suas unidades dentro das BI. Esses hinos não poderiam carecer do mesmo caráter identitário antifascista e nacional, como o hino dos combatentes estadunidenses:

We march, Americans,  
To defend our working class,  
(...)To uphold democracy,  
We give our word, they shall not pass.  
No pasaran! <sup>43</sup>

Outro hino com estrofes carregadas de apelos nacionalistas e antifascistas era a canção da XII BI, de maioria italiana. Seus combatentes, os chamados “garibaldinos”, antifascistas de primeira ordem e considerados apátridas devido a sua condição de refugiados sem cidadania, eles deviam vislumbrar nas estrofes da canção o retorno à terra pátria livre do fascio:

Por la victoria del pueblo español  
(...) Hijos de acero del pueblo italiano;  
Tras los mares en la esclava Italia,  
vuestros hermanos que el fascio aplastó  
saben que vuestra victoria en España  
será la aurora de su liberación<sup>44</sup>.

Podemos referir ainda outro fator de identificação entre os grupos formadores das Brigadas: as denominações ou títulos adquiridos pelas unidades nacionais nas BI. Como já dissemos anteriormente, cada unidade ou grupo procurou identificar-se com uma denominação que simbolizasse o comprometimento com a luta antifascista e nacional-revolucionária. Como John Keegan escreveu ao

---

<sup>42</sup> COMISARIADO GENERAL DE LAS BRIGADAS INTERNACIONALES. *Canciones de las Brigadas Internacionales*. Buenos Aires: Adunar, 1971, p. 136.

<sup>43</sup> “Adiante, estadunidenses, para defender nossa classe operária, (...) em suporte da democracia, prometemos que não vão passar! Não vão passar! Prometemos que não vão passar!”. Estrofe do hino oficial do “Batalhão Abraham Lincoln”, in: EBY Cecil. *Op. cit.*, p. 41-42.

<sup>44</sup> Comisariado General de las Brigadas Internacionales. *Op.cit*, 1971, p. 82. Interessante destacar que a XII BI era a única das Brigadas onde os comunistas não tinham maior preponderância.

tratar de outra unidade político-militar de elite<sup>45</sup>, a criação de títulos e nomes das formações militares também eram elementos importantes na construção de um *esprit de corps* de uma unidade militar. Ao evocar uma origem no passado com a qual se identificassem, buscavam legitimar-se como os novos herdeiros de uma longa tradição de lutas.

A escolha do nome da unidade requeria a utilização de um figura, ou ícone geralmente relacionada à tradição histórica de resistência das classes populares em cada país. Logo, podemos dizer que especificidades nacionais concretas direcionaram a escolha de um elemento simbólico que melhor pudesse representar o conjunto complexo de identidades presentes no antifascismo. Contudo, nem todos os grupos nacionais podiam contar com uma história nacional revolucionária tão rica e farta como a francesa, por exemplo. Não faltavam aos franceses (o maior grupo nacional dentro das BI) “heróis proletários” e mitos revolucionários “nacionais” de amplitude internacional suficientes para batizar seus Batalhões e Companhias. Pode-se dizer o mesmo dos ingleses, cuja longa história de luta de classes remontava aos primórdios da Revolução Industrial. A escolha dos seus “heróis nacionais” caía naturalmente sobre os organizadores do sindicalismo e líderes do trabalhismo inglês do século XIX e XX.

Havia, no entanto, certos casos em que a identidade antifascista ou nacional-democrática teve de ser construída, ou inventada, sem uma base concreta mais plausível. Nem tanto por falta de personagens históricos fundadores, mas em virtude de que certos personagens autenticamente revolucionários não se adequavam à orientação ideológica presente na URSS dos tempos stalinianos, o que se refletia no posicionamento ideológico dos PC’s, na *Komintern*, e nas BI. A criação deste imaginário político obedecia estritamente aos propósitos de legitimação do programa político e ideológico do antifascismo. Ou seja, a imagem podia ser construída ou modificada de acordo com os parâmetros estabelecidos pela *Komintern*, frequentemente a fim de mediar às variadas correntes políticas presentes na Frente Popular antifascista. Parece-nos o caso dos comunistas estadunidenses que, a fim de tornar o comunismo mais aceitável frente à sua conservadora sociedade e legitimá-lo como uma manifestação autêntica do “es-

---

<sup>45</sup> Keegan trabalhou com as *Waffen SS*, o braço político militar multinacional das temidas *SS* alemãs. As *Waffen SS* seriam uma espécie de “negativo inverso” das BI: sua causa era o anticomunismo. KEEGAN, John. *The Waffen SS*. New York: Ballantine, 1970, p. 135.

pírito democrático” dos EUA, eles tiveram de recorrer a dois mitos de origem do *americanism*: George Washington e Abraham Lincoln, os *founding fathers* da nação estadunidense<sup>46</sup>, em vez dos líderes operários<sup>47</sup>.

Todavia, muitos dos nomes escolhidos para algumas unidades das BI pertenciam a dirigentes e lideranças que estavam vivos e alguns até dentro das BI, como André Marty, o Comandante geral das BI. Marty, comunista histórico, era um modelo no qual os militantes deveriam se espelhar e pautar sua conduta<sup>48</sup>, corroborando com o espírito de culto a personalidade típico do stalinismo.

Em contrapartida a estas tentativas e “fabricações” de heróis e modelos ideais cabe-nos destacar a postura ética de um líder que soube impedir com sutileza a cooptação da sua imagem. Sabe-se que em determinado momento da Guerra Civil Espanhola se propôs a escolha do presidente mexicano Lázaro Cárdenas como homenageado para nomear um Batalhão do Exército republicano ou talvez das BI. Ao ser consultado sobre a questão, Cárdenas respondeu da seguinte forma:

Agradezco profundamente el honor que se me ofrece, pero rogaría atentamente al comandante de la división me permitiera declinar su ofrecimiento, pues considero que no puede emitirse juicio sobre hombres que aún se encuentran en el ejercicio de sus responsabilidades públicas sino hasta que su obra haya sido terminada y juzgada por la historia<sup>49</sup>.

Assim, Marty foi julgado não somente pela história, mas também pelos próprios comunistas franceses, que o expulsaram do PCF em 1952. O antigo “herói do Mar Negro” converteu-se numa vítima do próprio sistema repressivo stalinista que havia ajudado a implantar com tanto zelo. Nos livros dos autores comunistas das décadas de 1950 e 1960, o Batalhão que outrora levava seu nome aparecia apenas como “Batalhão Franco-Belga”. Parafraseando César Vidal, mais uma vez se reinventava o passado para criar um novo futuro<sup>50</sup>.

---

<sup>46</sup> EBY, Cecil. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>47</sup> Até porque os heróis do proletariado nos EUA eram anarquistas e socialistas. Ver CARROLL, Peter. *Op. Cit.* p. 73 e ss.

<sup>48</sup> FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2002, p. 77 e ss.

<sup>49</sup> BAUMANN, Gino Gerold. *Los Voluntarios Latinoamericanos en la Guerra Civil Española*. San José: Guayacán, 1997, p. 150.

<sup>50</sup> VIDAL, César. *Las Brigadas Internacionales*. Madrid: Espasa-Calpe, 1998, p. 340.